

NO QUE IMPLICA FAZER PESQUISA SITUADA? ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DA PESQUISA AGORA É QUE SÃO ELAS

RAFAELA SOARES VILLAR¹; CAROLINE SOARES RODRIGUES²; CAMILA
PEIXOTO FARIAS³

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelasvillar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carolarodrigues2305@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que apresentaremos no presente resumo surge a partir do grupo “Agora é que são elas”, vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o qual tem suas discussões pautadas na temática do feminismo e suas intersecções como raça, classe, sexualidade, entre outras. O grupo tem seu início em 2020, juntamente com a pesquisa intitulada “Agora é que são elas: A pandemia de COVID-19 contada por mulheres¹”, que, por sua vez, conta com a parceria entre o Pulsional - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (UFPel) - e o Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial Epoché (UFPel), bem como com o Marginália, Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (UFRJ).

As produções provenientes da pesquisa tem suas temáticas variáveis e múltiplas, a depender do interesse de cada pesquisadora/grupos de pesquisadoras e das narrativas encontradas no material coletado. No entanto, há algo que perpassa todos os trabalhos e discussões produzidas até então: a metodologia de pesquisa situada. Ainda que cada grupo trabalhe a partir de algumas especificidades e singularidades, a pesquisa situada parece subsidiar o trabalho de todas nós; bem como ser, por diversas vezes, tema central de nossas reuniões de pesquisa e, também, um desafio. Este modo de fazer pesquisa tem sido trabalhado, ao menos dentro do nosso grupo e campo de conhecimento, em interface com as teorias feministas e de gênero, estando presente nas discussões de autoras como DONNA HARAWAY (2009) e SOFIA FAVERO (2020). Seguindo esta temática, o presente trabalho pretende discutir, na intenção de produzir reflexão e trazer questionamentos, sobre a metodologia de pesquisa situada; buscando tecer diálogos entre os nossos exercícios de pesquisa a partir deste método e as bases teórico-metodológicas que nos subsidiam no processo de pesquisa.

2. METODOLOGIA

O presente recorte de pesquisa consiste em uma discussão teórica. A construção da argumentação, por se tratar de uma reflexão propriamente metodológica, a qual subsidia nossas práticas de pesquisa, perpassa as discussões provenientes do grupo “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”. O grupo - composto por estudantes e professoras dos referidos laboratórios de pesquisa da UFPel - possui encontros quinzenais, via google meet, com o objetivo de discutir bibliografias acerca das temáticas de cada recorte de pesquisa, as produções internas do grupo e,

¹ A pesquisa conta com bolsa de apoio financeiro da Fundação Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

também, textos teórico-metodológicos e suas implicações práticas. Portanto, é a partir dessa interface que o trabalho se constitui.

Nesse sentido, a metodologia do presente trabalho, é subsidiada pelo próprio método que apresentamos aqui: a pesquisa situada. Além disso, constitui-se em diálogo com as metodologias de pesquisa psicanalítica e fenomenológica, as quais são bases significativas para os trabalhos desenvolvidos pelo grupo. Esses métodos, por sua vez, possuem íntima articulação com os pressupostos das pesquisas situadas, sobretudo em relação à atenção ao contexto sócio-histórico, político e subjetivo da pesquisa e pesquisadoras; tendo como objetivo a construção de saberes parciais e subjetivados, distanciando-se, então, de pressupostos de neutralidade e universalidade, próprios das ciências cartesianas e positivistas (DOCKHORN, MACEDO, 2015; FIGUEIREDO, MINERBO, 2006; HARAWAY, 2009; MOREIRA, 2002).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos a discussão acerca do que seria a metodologia de pesquisa situada, podemos pensar juntamente com a filósofa estadunidense DONNA HARAWAY (2009), a qual propõe que façamos uma reflexão sobre as produções acadêmicas/científicas de forma mais ampla, nos questionando, a partir disso, a quem é permitido não ter um corpo na universidade, ou seja, falar a partir de uma suposta neutralidade, de uma pesquisa não corporificada (HARAWAY, 2009); em outras palavras, quais corpos/subjetividades podem ser considerados neutros e não *situados*. Nesse caminho, a autora propõe que não há, de fato, como realizar uma pesquisa a partir da neutralidade, mas, sim, dá-se o direito de disfarce a partir da ideia de neutralidade a quem pertencente aos grupos hegemônicos, sobretudo de homens cis-gênero, heterossexuais, brancos e de classe alta.

Sendo assim, fazer uma pesquisa situada nos parece um exercício de rompimento com os padrões científicos tradicionais, os quais são preponderantemente realizados a partir da ideia de neutralidade e imparcialidade. Diferente dos modelos hegemônicos, a metodologia de pesquisa situada propõe que façamos uma ciência que assuma a corporalidade e os locais dos quais partimos enquanto pessoas que pesquisam; que se faça, então, uma pesquisa na fronteira entre o eu e o objeto a ser pesquisado, permitindo que estes se toquem sem encerrar-se em si mesmos (FAVERO, 2020). Sendo assim, se tem em vista que a construção do saber é localizada e parcial, na medida em que passa por nossos corpos e subjetividades e, então, é preciso estar atenta ao contexto sócio-histórico cultural e pessoal (HARAWAY, 2009).

O grupo de pesquisa agora é que são elas já produziu trabalhos sobre a temática em questão, no qual indicamos nossos passos de pesquisa, bem como apontamos para a necessidade de pensarmos - e assumirmos - nossas implicações com as temáticas e, também, trouxemos a ideia de que o rigor metodológico estaria justamente em assumir os atravessamentos subjetivos (SOARES *et al.*, 2021). No entanto, ainda que tendo alguns pressupostos em vista - como a ideia de parcialidade - parece pouco nítido o que seria produzir uma ciência situada; permanece, ao menos em nós, o questionamento de como, afinal, se pesquisa com a subjetividade e corporalidade.

SOFIA FAVERO (2020), psicóloga e ativista trans, nos dá algumas pistas para pensarmos sobre isso que ainda nos inquieta: o questionamento de a partir de quais práticas, mais objetivamente, se dá a pesquisa situada. Sofia nos coloca

que para se situar na pesquisa é preciso além de se identificar; é necessário que se pesquise implicada com aquilo que se é, tendo consciência dos marcadores sociais e pessoais que estão presentes em nossas pesquisas e corpos. De modo que se faça trabalhar, a partir da análise das repercussões, o subjetivo e o teórico em nossa produção (FAVERO, 2020).

Ainda nesta perspectiva argumentativa, em diálogo com a autora GLÓRIA ANZALDÚA (2000), pensamos que uma das possíveis formas de trabalhar com a não neutralidade passe pelo cuidado de não nos aprisionarmos em nossas subjetividades e identidades, ainda que estas apareçam. Nos parece necessário, portanto, colocar em perspectiva a subjetividade e parcialidade como um dado de análise, ou seja, não somente enquanto algo que se restringe a um marcador ou justificativa. Estes aspectos, portanto, apresentam-se enquanto um paradigma de trabalho pelo qual passará a produção de conhecimento; não estando, portanto, apenas em uma sessão dos textos, mas, sim, perpassando todo o trabalho, sendo tomados como uma postura frente ao ato de pesquisar (FAVERO, 2020).

Nesse sentido, para dar corpo ao que estamos apresentando brevemente neste recorte, traremos um exemplo ancorado em nossa experiência enquanto grupo de pesquisa. Para isso, cabe apontar para uma das temáticas que está sendo trabalhada por um dos subgrupos de pesquisadoras: as narrativas de mulheres do meio rural em tempos de pandemia de covid-19. Este recorte, por sua vez, está sendo construído a partir do conceito de imaginário social, onde as alunas e professoras orientadoras tecem a discussão - juntamente com o campo teórico - a partir da colisão entre o que se pressupunha das respondentes e os dados e narrativas encontradas; se percebe, a partir da discussão traçada, que o imaginário social parece se distanciar do que foi relatado pelas mulheres que responderam o questionário (MACEDO *et al.*, 2022). Cabe ressaltar que, como apontamos diversas vezes quando apresentamos os aspectos metodológicos, esta é uma perspectiva parcial, não replicável ou universalizante; portanto, o grupo não pretende construir uma verdade única sobre as mulheres do meio rural, tampouco sobre o imaginário social acerca deste território, mas, sim, suscitar reflexões (HARAWAY, 2009; MACEDO *et al.*, 2022).

Nos parece possível, a partir deste exemplo, ilustrar, ainda que de forma breve, o que vínhamos descrevendo sobre a necessidade de fazer com que os marcadores sociais e subjetivos das pesquisadoras apareçam na análise e construção teórica. Podemos pensar, neste caso, que, como aponta FAVERO (2020), houve um entendimento de que o olhar de quem pesquisa transforma o exercício de pesquisar. A autora disserta sobre este aspecto quando pontua: “[...] não pesquisei transexualidade porque sou trans. Mas a forma que pesquisei transexualidade, sendo trans, produz resultados bastante característicos [...]” (FAVERO, 2020, p. 6). No caso do trabalho referido, podemos dizer que a forma com que as pesquisadoras encaram a temática do meio rural, por ter recebido um olhar atento, foi instrumento crucial de análise; evitando, por exemplo, que houvesse uma tentativa de neutralizar o olhar, podendo gerar repercussões nos dados ainda que isso não fosse percebido.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista as reflexões abordadas no presente resumo, pensamos ser possível e necessário que se faça o movimento de trazer para a discussão acadêmica - sobretudo quando estamos tratando das ciências humanas e sociais - o tensionamento dos pressupostos universais de imparcialidade e neutralidade, os quais compõem grande parte das pesquisas. Podemos pensar, acompanhadas das teóricas que trouxemos, que não se pesquisa, necessariamente, por algo

identitário, mas que nossos marcadores sociais e subjetivos parecem estar implicados e influenciando nas análises e construções do saber, ou seja, o subjetivo parece andar junto com os sujeitos que pesquisam, apesar de não se produzir conhecimento, essencialmente, a partir dele. Nesse sentido, cabe ressaltar que não temos a pretensão de apresentar a pesquisa situada enquanto a única postura metodológica possível e ética. Entendemos que existem especificidades em cada campo e área de pesquisa, mas pensamos ser possível, a partir das reflexões suscitadas por esta metodologia, levantar alguns questionamentos e tensionar pressupostos metodológicos.

REFERÊNCIAS

- ALZANDÚA, Glória. Falando em línguas: Uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revistas de estudos feministas**. V. 8, n. 1, 2000.
- DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K. Estratégia Clínico-Interpretativa:: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016.
- FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 15, n. 3, p. 1-16, set. 2020.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006 .
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.
- MACEDO, Gabriele Damasceno *et al.* Meio rural sob a perspectiva de gênero: Narrativas de mulheres no período da pandemia de covid-19. **SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, 2022, Pelotas. Anais do Congresso de Iniciação Científica. Pelotas: UFPel, 2022.
- MOREIRA DA. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SOARES, Helen Carvalho Gomes. *et al.* Metodologias de pesquisa: Uma reflexão a partir da pesquisa Agora é que são elas. In: **SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, 8, 2021, Pelotas. Anais do Congresso de Iniciação Científica. Pelotas: UFPel, 2021.